

## A PRESENÇA DO HOMEM LIVRE POBRE EM *INOCÊNCIA* \*

Fernando C. Gil\*\*

**RESUMO:** Este trabalho visa discutir a presença do homem livre pobre no romance *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay, e sua figuração como personagem em trânsito conflitivo entre o mundo rural e urbano.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Inocência*. Visconde de Taunay. Romance rural.

**ABSTRACT:** This paper aims to discuss the presence of the free poor man in the novel *Inocência* (1872), by Visconde de Taunay, and its figuration as character in conflictive transit between the rural and urban worlds.

**KEYWORDS:** *Inocência*. Visconde de Taunay. Rural novel.

*Inocência* (1872), de Visconde de Taunay, põe no centro de sua narrativa, como protagonista, a figura do homem livre pobre. Cirino é um sujeito que, com os seus poucos conhecimentos adquiridos como caixeiro de uma “botica velha e *manhosa*” de Ouro Preto e com o seu Chernoviz “já sebooso de tanto uso”, sobrevive atendendo aqueles que, nas cidades vizinhas de início

---

\* Este artigo faz parte da pesquisa, em curso, Experiência Rural e a Formação do Romance Brasileiro (II): o estatuto do narrador, a representação dos homens pobres e livres e a violência do processo, financiada pelo CNPq.

\*\* Professor de Literatura Brasileira da Universidade Federal do Paraná. Doutor em Teoria Literária pela UNICAMP.

e depois no sertão, necessitassem dos seus serviços. Todo o conhecimento para a sua atividade “médica” se resumia, portanto, à união de “alguns conhecimentos de valor positivo” a “outros que a experiência lhe ia indicando ou que voz do povo e a superstição lhe ministravam”.<sup>1</sup> Precariedade de condições bem próprias de personagens que transitam nesta faixa social, suficientes, no entanto, e este é um aspecto a ser destacado, para lhes dar certa mobilidade (autonomia?) social e, por assim dizer, também geográfica/espacial.

A situação de Cirino difere da dos protagonistas dos romances rurais de Alencar, como Arnaldo Louredo em *O sertanejo* (1875), Berta e Jão-Fera em *Til* (1872), e Mário, em *O tronco do Ipê* (1871), cuja mobilidade, em qualquer sentido, depende de um grande proprietário de terras. Para o protagonista de *Inocência*, a possibilidade de deslocamento passa a ser elemento constitutivo à sua atividade e à sua forma de sobrevivência, incluídos aí os “prazeres da carne”, o que o narrador também observa com certo ar de gracejo: “A fim de aumentar os seus recursos em matéria vegetal, foi a pouco e pouco dilatando as excursões fora das cidades, para as quais voltava, quando se via falta de medicamentos ou quando, digamo-lo sem reбуço, queria gastar nos prazeres e folias o dinheiro que ajuntara com a clínica do sertão”.<sup>2</sup> “Afeito a hábitos de completa liberdade”, como nota ainda o narrador, tal desenvoltura permite que sua imaginação sobre si mesmo também corra lépida e faceira. De “curandeiro, simples curandeiro”, o rapaz vai “granjeando o tratamento de doutor, que gradualmente lhe foi parecendo a si próprio, título inerente a sua pessoa e a que tinha incontestável direito”<sup>3</sup> – isto é, labilidade social, proveniente de sua profissão humilde mas “liberal”, misturada a certa dissimulação a qual denota, num mesmo compasso, o reconhecimento rebaixado da função e a necessidade de se autoatribuir um certo prestígio com o título de médico.

---

<sup>1</sup> TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1977. 30p.

<sup>2</sup> TAUNAY, Visconde de, op. cit., p. 25.

<sup>3</sup> Idem, ibidem, p. 25.

Bem medidas as coisas, vai se notar que todo o capítulo três, de apresentação de Cirino, tem certo ar de zombaria ante a posição do personagem e da trajetória inicial da sua vida. A começar pelo título do capítulo, “O doutor”, que incorpora ironicamente a perspectiva do personagem, e seguindo logo após com a informação dada pelo narrador, de modo muito vago e com certo tom galhofeiro, que Cirino, que até os doze anos vivera sob os cuidados paternos, fora enviado depois, “em tempos de festa e a título de recordação saudosa, a um velho tio e padrinho, morador da cidade de Ouro Preto”.<sup>4</sup> O tio, “solteirão, de gênio rabugento, misantropo, e dado às práticas da mais extrema carolice”, recebeu com muito má-vontade o sobrinho, a quem logo trata de pôr em um internato de padres, para os quais acena “a eventualidade de uma verba testamentária”, já que estava velho e se sabia, à boca fora pela cidade, “a sua reputação de pessoa abastada” tanto quanto de sovina. Morto o tio, não somente a decepção é geral ao abrir o seu testamento, como também se revela outra faceta do sujeito rabugento e carola. Pelo que se pretende comentar e pelo seu espírito de graça, creio que a passagem vale transcrição:

Testamento havia, força é confessar; não já testamento, mas extenso arrazoado, todo da letra do velho; barras de ouro, porém, ou maços de notas, nem sombra.

Esfuracou-se a casa de alto a baixo, levantaram-se os soalhos, escutaram-se todas as paredes, quebraram-se os móveis; nada apareceu, nada denunciou esconderijo de riquezas, nem coisa que com isso se avizinhasse.

Descobriu-se então que aquele carola fora um pensador desabusado, antigo admirador de Xavier, o Tiradentes, que nunca tivera vintém e vivera como filósofo, grazinando lá consigo mesmo, de tudo e de todos.

Era o seu testamento uma gargalhada meio de gosto, meio de ironia, atirada de além-túmulo e corroborada pelo legado sarcástico que em pomposo codicilo, fazia aos padres do Caraça da sua biblioteca

---

<sup>4</sup> Idem, *ibidem*, p. 22.

“a fim, dizia ele, de ajudar a educação dos mancebos e auxiliar as boas intenções dos seus honrados e virtuosos diretores”.

Procuraram-se tais livros, e topou com um baú cheio de obras, em parte devoradas

pelo cupim, que foram, incontinenti, entregues à chama de um grande auto-de-fé. Eram as ruínas de Volney, o Homem da Natureza, as poesias eróticas de Bocage, o Dicionário filosófico de Voltaire, o Citador de Pigault-Lebrun, a Guerra dos Deuses de Parny, os romances de marquês de Sade e outras produções de igual alcance e quilate, algumas até em francês, mas anotada por leitor assíduo e mais ou menos convencido.<sup>5</sup>

A dicção desataviada e jocosa do narrador, pouco comum na ficção brasileira do XIX, sugere ter algo de machadianamente embrionário, sem falar na própria figura debochada e farsesca do tio, uma espécie de antemistura amalgamada, não menos apalhaçada, de Brás Cubas e Quincas Borba: um “filósofo” cujo testamento era “uma gargalhada meio de gosto, meio de ironia, atirada de além-túmulo”. No âmbito das aproximações literárias ainda possíveis, o tio-padrinho de Cirino faz lembrar, pelo avesso, um outro padrinho, o de Leonardo, de *Memórias de um sargento de milícia*. Enquanto o padrinho deste se desdobra em desvelo e cuidado para com o rapaz o qual, todavia, vai vivendo e se criando ao sabor da vida dos homens pobre livres da cidade, o de Cirino trata brevemente de se livrar do encargo, embora, saliente-se, fazendo-o estudar num colégio interno de certo prestígio. A precariedade da posição social destes indivíduos pobres lança-os numa rede de relações não menos instáveis, que vão sobrevivendo meio ao sabor dos acontecimentos. Nas duas narrativas, a presença desta espera social rebaixada, de relações sociais instáveis e precárias, se faz por meio de um tom humorístico, mais ou menos irônico-sarcástico, pelo ponto de vista do narrador. Mas se o burlesco atua tanto num como noutro romance, diferentemente de *Memórias*, em cujo

---

<sup>5</sup> Idem, *ibidem*, p. 23-24.

mundo se vive na superfície imediata dos pequenos prazeres e dos pequenos expedientes de sobrevivência transgressivos e transgredidos, em *Inocência*, e mais particularmente na cena em foco, o tom humorístico de bufonaria tem por assim dizer uma envergadura ideológica de cunho “ilustrado” – mas nem por isso menos farsesco, destaque-se. Em parte, é como se o mundo em que se forma Cirino tivesse também alguns daqueles traços da malandragem presentes na obra de Manuel Antonio de Almeida, e muito bem captados e formulados por Antonio Candido. Incluída aí certa perspectiva com que o narrador apresenta este universo e, sobretudo, o seu protagonista. Vejamos ainda este aspecto no mesmo capítulo:

Bem formado era o coração daquele moço, sua alma elevada e incapaz de pensamentos menos dignos; entretanto no íntimo de seu caráter se haviam insensivelmente enraizado certos hábitos de orgulho, repassado de tal ou qual charlatanismo, oriundo não só da flagrante insuficiência científica, como da roda em que sempre vivera.<sup>6</sup>

Também neste ponto parece haver algo que respira o clima de *Memórias* e que diz respeito a um certo andamento da frase, dado pelo narrador, que soa ao menos alusivo àquele balanceio, constatado por Antonio Candido, no qual se “mostra o outro lado de cada coisa”.<sup>7</sup>No caso, o narrador nos aponta como o coração bem formado de Cirino não deixa de ser “repassado de tal ou qual charlatanismo” – ou seja, a virtude e os bons hábitos do rapaz andam de mãos dadas com o seu caráter, digamos, menos nobre, menos imaculado, formando também ele uma figura oscilante, instável. Só que ao contrário do narrador de *Memórias* que se mostra um tanto pachola para indicar as razões do caráter dúbio de seus personagens, o de *Inocência* situa com precisão as razões

---

<sup>6</sup> Idem, *ibidem*, p. 25.

<sup>7</sup> CANDIDO, Antonio. *Dialética da malandragem*, In: *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, p. 1993. p. 48.

dessa dubiedade moral: a insuficiência científica e a roda em que sempre vivera. Mas isso não significa dizer que, como se deve imaginar pelo que já foi dito, a história de Cirino gire em torno de questões morais. A instabilidade que se pretende examinar está relacionada à posição social precária do protagonista.

De outra parte, bem entendido, não estou sugerindo que *Inocência*, como *Memórias*, tenha no seu todo a *forma da malandragem*. Trata-se, sim, de mostrar que a condição de homem livre pobre de Cirino faz reverberar na narrativa de Taunay, desde a apresentação inicial do protagonista, aspectos comuns, que em *Memórias* é todavia dominante. No mais, as diferenças se impõem.

O trânsito do protagonista não é entre a ordem e a desordem na corte no tempo de D. João VI, mas entre mundo urbano e mundo rural, no que se possa considerar como mundo urbano uma cidade como Ouro Preto na metade do século XIX.<sup>8</sup> É a sua atividade de médico que permite e exige, para a sua sobrevivência, o seu ingresso no sertão, onde ele pode até se intitular médico para seu (falso) prestígio. De outra parte, trânsito e mobilidade social dadas pela sua atividade são o que diferencia a condição de homem livre pobre de Cirino da dos personagens alencarianos. Estes sempre, de alguma maneira, encontram-se submetidos ou ao menos têm a sua vida fortemente imbricada com a de um grande proprietário; Cirino, por sua vez, vive uma espécie de liberdade possível para o sujeito de sua condição.

No texto de apresentação de *Inocência*, “Tradição e traição”, Zenir Campos Reis aponta esta espécie de caráter bifronte que constitui o personagem Cirino: por um lado, “a instrução e a passagem por centro urbano, importante na época, ligam-no ao mundo urbano”; por outro, “tanto pelas suas origens – nasceu na vila de Casa Branca –, quanto pela atual profissão, tem vínculos também com o mundo rural”. Cirino, de fato, conhece, respeita e, sob certa dose, teme o sistema de valores do mundo rural, ou seja, do patriarcado rural, com o seu poder discricionário e pessoal,

---

<sup>8</sup> REIS, Zenir Campos. “Tradição e traição”, In TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1977. p. 6.

que é encarnado na figura de Pereira, proprietário modesto mas de alguma posse, que se movimenta no rigor da tradição do código rural. Entretanto, Cirino não se percebe nem tampouco é visto pelos outros personagens, particularmente por Pereira e Inocência, como sujeito deste meio.

Num certo sentido, podemos também dizer, de passagem, que a posição de Cirino se torna muito interessante e peculiar porque ela sugere oscilar conforme o nível e o tipo de relação em questão. Diante de Pereira e Inocência ele é visto e tem a desenvoltura social de alguém que, como se disse, identifica os valores do mundo patriarcal e, como se verá a seguir, procura criar estratégias de trânsito neste mundo, em vários níveis, que evitem qualquer tipo de conflito, de tensão ou embate; neste plano, Cirino é visto, se vê e age como o *de fora*. Já na aproximação com o atabalhado naturalista alemão Meyer, que nada entende dos valores do mundo rural e que vem ao sertão brasileiro para colher exemplares de borboletas, este sim tipicamente caracterizado como o *outro*, o *de fora* – na aproximação com o naturalista, o protagonista é visto como o matuto, o sertanejo, enfim, como pertencente àquele mundo.

Importa, no entanto, para os nossos objetivos, a aproximação de Cirino com Inocência e com Pereira, pois é nesta que se define a natureza social do protagonista e o seu destino como homem livre pobre, uma vez que esta relação constitui o núcleo dramático/conflitivo do romance. Em face deste núcleo de tensão, a presença do personagem alemão serve como despiste para Cirino que não quer chamar a atenção do patriarca para os seus sentimentos amorosos por Inocência, moça já comprometida com o tropeiro Manecão. O desconhecimento do entomólogo alemão dos protocolos do mundo rural dá origem a uma espécie de comédia de erros na medida em que a sua falta de jeito sobre os hábitos e os costumes patriarcais cria a suspeita do velho Pereira sobre as intenções Meyer para com Inocência. O elogio desbragado da beleza da moça e a insistência na necessidade de expor para além da casa, tal encanto, geram mal-estar no patriarca, que começa a vigiar de perto o *mochu*, abrindo frente para a aproximação de

Cirino e Inocência. Mais do que isso, Cirino se torna confidente das desconfianças equívocas de Pereira sobre Meyer.

Vale destacar que neste quiproquó entre Pereira e Meyer, na verdade, se revela uma forma de agir de Cirino. É um andar numa corda bamba, num fio de navalha. Se sua condição permite certa mobilidade, ela mesma o situa em terreno escorregadio, hesitante, incerto, precário e perigoso. Viu-se acima como Cirino usa seu conhecimento de medicina popular para se autointitular médico sertão adentro como forma de angariar pacientes e prestígio. Pequeno expediente de esperteza como forma de sobrevivência. Algo semelhante acontecerá em razão do engano que Pereira cai com relação ao naturalista alemão. Acobertado pelo desvio da suspeita que recai sobre Meyer e tomado de confiança pelo pai de Inocência, Cirino aproveita a brecha dos rigores patriarcais para se aproximar de Inocência e desfrutar de seu rápido idílio amoroso. Num meio prenhe de constrição social, o estreitamento da relação entre Cirino e Pereira serve como ardil e dissimulação para o rapaz se aproximar da moça desejada. É o modo que ele encontra para transitar no interior dos rigores da casa patriarcal. São poucos os encontros entre o casal, todos furtivos e cheios de temores, mas suficientes para ambos selarem sua paixão romântica. Nesta relação amorosa se concentra o núcleo dramático da história, o conflito dramático do enredo.

Voltarei logo a seguir a este ponto cujo desdobramento é central para o nosso ponto de vista. Antes, porém, gostaria de destacar um pouco mais como a posição social precária e instável de Cirino o faz agir no universo rural. Neste ponto, trata-se de três comentários sobre a figura feminina que se ocorrem numa conversa entre Pereira e Cirino. A primeira observação é feita por Pereira, que diz:

Esta obrigação de casar as mulheres é o diabo!... Se não tomam estado, ficam jururus e fanadinhas...; se casam podem cair nas mãos de algum marido malvado... E depois, as histórias!... Ih, meu Deus, mulheres numa casa, é coisa de meter medo... São redomas de vidro que tudo pode quebrar... Enfim, minha filha,



enquanto solteira, honrou o nome dos meus pais... O Manecão que se aguenta, quando a tiver por sua... Com gente de saia não há que fiar... Cruz! botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega um olho.<sup>9</sup>

Pereira ainda desenvolve mais a sua opinião sobre o perigo que as mulheres podem representar para a honra da família, mas entre esta primeira parte e a segunda há um comentário do narrador sobre o juízo do personagem, que assim se põe:

Esta opinião injuriosa sobre as mulheres é, em geral, corrente nos nossos sertões e traz como consequência imediata e prática, além da rigorosa clausura em que são mantidas, não só o casamento convencionado entre parentes muito chegados para filhos de menor idade, mas sobretudo os numerosos crimes cometidos, mal se suspeita possibilidade de qualquer intriga amorosa entre pessoa da família e algum estranho.<sup>10</sup>

Na segunda parte, Pereira retoma as suas considerações preventivas sobre as mulheres, comentando os exageros que ouve dizer sobre as mulheres nas cidades. Que não há uma que não saiba “ler livros de letra de forma e garatujar no papel”, além de irem a “fonçonatas com vestidos abertos na frente”, falarem alto e mostrarem “os dentes por dá cá aquela palha com qualquer tafulão malcriado”. Com o que conclui: “Cá no meu modo de pensar, entendo que não se maltratem as coitadinhas, mas também é preciso não dar asas às formigas. Quando elas ficam taludas, atamanca-se uma festança para casá-las com um rapaz decente ou algum primo, e acabou-se a história...”<sup>11</sup>

Em seguida, segue o terceiro comentário, que é de Cirino, antecedido, porém, de uma advertência de Pereira para que o “médico”, ao examinar pela primeira vez a sua filha, “veja só a

---

<sup>9</sup> Idem, ibidem, p. 31.

<sup>10</sup> Idem, ibidem, p. 31.

<sup>11</sup> Idem, ibidem, p. 31.

doente e não olhe para Nocência”,<sup>12</sup> já que nunca alguém entrara no quarto da moça a não ser por extrema precisão. Ao que Cirino responde:

Sr. Pereira, replicou Cirino com calma, já lhe disse e torno a lhe dizer que, como médico, estou há muito tempo acostumado a lidar com famílias e a respeitá-las. É este meu dever, e até hoje, graças a Deus, a minha fama é boa... Quanto às mulheres, não tenho as suas opiniões, nem as acho razoáveis nem de justiça. **Entretanto, é inútil discutirmos porque sei que isso são prevenções vindas de longe. E quem torto nasce, tarde ou nunca se endireita...** O Sr. falou-me com toda a franqueza, e também com franqueza lhe quero responder. No meu parecer, as mulheres são tão boas como nós, se não melhores: não há, pois, motivo para tanto se desconfiar delas e ter os homens em tão boa conta... **Enfim, estas suas idéias podem quadrar-lhe à vontade, e é costume meu antigo a ninguém contrariar, para viver bem com todos e deles merecer o tratamento que julgo ter direito a receber. Cuide cada qual de si, olhe Deus para todos nós, e ninguém queira arvorar-se em palmatória do mundo.**<sup>13</sup>

O juízo patriarcal que Pereira faz sobre as mulheres combina sentimentos diversos: honra, precaução, obrigação, fardo e risco iminente. Tal juízo, como se nota, não é compartilhado pelo narrador nem por Cirino. O primeiro pondera que a opinião de Pereira sobre as mulheres é moeda corrente nos “nossos sertões”, muito embora nesse *nosso* esteja embutida uma perspectiva que o exclui absolutamente dos códigos de valores que sustentam este modo de ver, sentir e de agir em face da figura feminina. Se Pereira é a encarnação sem vacilo da ordem patriarcal, o narrador, ao contrário, com o seu comentário sugere instaurar uma visada mais esclarecida e de maior urbanidade em face da matéria narrada. De qualquer maneira, ambos afirmam

---

<sup>12</sup> Idem, *ibidem*, p. 32.

<sup>13</sup> Idem, *ibidem*, p. 32. (Grifos meus.)

categoricamente a sua visão sobre o problema. Cirino, por sua vez, parece ter, de fato, uma proximidade com a perspectiva do narrador, o que talvez ocorra por certo ponto de intersecção entre o seu estatuto social e o do narrador, não propriamente de classe, mas de sistema social e cultural originariamente – ou no caso de Cirino predominantemente – urbano, não rural. Neste sentido, a sua abertura de opinião e a convicção com que em parte ele diz discordar da posição do patriarca o põem em linha de continuidade com o ponto de vista do narrador. A opinião do personagem, no entanto, não se restringe a uma duplicação da voz do narrador. Ela tem uma modalização que é de outra ordem. Marca a sua posição, mas num mesmo passo desmarca, se desarma dela, por assim dizer. Pondera, mas para afinal conciliar, transigir. Observe-se que a franqueza com que ele diz responder às precauções de Pereira sobre a condição feminina está interposta, como que enquadrada entre o reconhecimento de que é inútil discutir já que a posição do patriarca está arraigada numa longa tradição de hábitos e costumes (a primeira parte grifada por mim) e o desejo, o costume não menos antigo do rapaz de a “ninguém contrariar para viver bem com todos” (a segunda parte destacada). Entre a consciência da rigidez dos valores patriarcais<sup>14</sup> e a vontade de não contrariá-los, a posição de Cirino parece fraquejar, se mostra desfibrada, sobretudo se compararmos com as duas anteriores, que são digamos incondicionais.

Num certo sentido, pelo próprio andamento do nosso argumento seria possível dizer que não se trata de transigir os seus pontos de vista em face de uma posição social precária, mas sim da manifestação de tolerância e urbanidade que não deixa de caracterizar o personagem. Se esta faceta comparativamente moderna diante do universo rural de Pereira-Inocência existe no protagonista, como se verá se manifestar mais explicitamente

---

<sup>14</sup> Não seria exagero se falar num reconhecimento respeitoso, quase reverente por parte de Cirino, que momentos antes não deixa de aplaudir “a prudência de tão preventivas medidas” que Pereira desfia para o rapaz com relação aos “perigos” que a figura feminina carrega consigo. In Idem, *ibidem*, p. 31.

logo a seguir, o que estamos procurando demonstrar é que ele necessita criar certos ardis e manhas estratégicos como forma de sobrevivência num mundo chancelado pelo rigor da tradição. Esta autonomia e mobilidade restritiva e constrictiva parecem ser centrais à peculiaridade que caracteriza a condição de homem livre pobre de Cirino. É desta forma que a “resposta franca” de Cirino, contraposta às afirmações peremptórias de Pereira sobre a figura feminina, se enuncia prenhe de interpolações negaceadas cuja expressividade não significa pouca coisa. Como tudo o mais que se está procurando demonstrar, também as opiniões (modernas?) de Cirino precisam se revestir de certa astúcia num meio algo hostil. No lá e cá em que se movimenta o protagonista vale assinalar, por outro lado, como na conversação entabulada entre Pereira e Cirino este se utiliza de certos ditos populares que, se não chegam a ter a força formalizadora de um provérbio,<sup>15</sup> contêm algo de judicioso e de uma forma de expressão que o aproxima do linguajar oral e popular que caracteriza o sertanejo Pereira. Talvez se possa dizer que Cirino procura adequar a sua linguagem ao seu interlocutor do momento<sup>16</sup> na qual se misturam ao mesmo tempo um escopo geral de natureza argumentativo-racional – cuja parte central está na sua “resposta franca”, interposta entre as partes grifadas por nós – e ditos populares, semiprovérbios, digamos assim, que não deixam de querer exprimir certo sentido de verdade geral e sentenciosa, baseado no senso comum. Portanto, estratégias camaleônicas é que não faltam a nosso herói para circular num universo que é e não é seu.

Mas é no centro do núcleo amoroso que Cirino se mostra diferente, sendo o mesmo. Não se trata isso de simples jogo

---

<sup>15</sup> Penso particularmente naquele sentido forte e estruturante apontado por Antonio Candido em *Os Malavoglia* no qual o provérbio é a “manifestação da cultura parada e fechada, enredando os homens fechados e parados”. In “O mundo-provérbio”. *O discurso e a cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1993. p. 115.

<sup>16</sup> Para demonstrar que se trata de uma adequação de linguagem é interessante notar que o registro utilizado por Cirino em outras situações se modifica, por exemplo, quando se encontra com Inocência ou em conversa com Meyer.

retórico. Nesse momento, o protagonista se individualiza ao ficar menos a reboque das circunstâncias – ainda que se mantenha protegido por estas, como se viu – e investir as suas energias, e também a sua vida, na tentativa de realização do seu ideal amoroso. No interior do núcleo dramático, Cirino se torna um verdadeiro empreendedor romântico ao pôr em risco a vida em função do ideal romântico. O sentimento romântico que Inocência desperta no protagonista é a cifra moderna de caracterização máxima e possível do personagem. Tal sentimento romântico é moderno na medida em que toma a expressão de um crescente individualismo do personagem – o individualismo também possível do ponto de vista literário e social.

O individualismo romântico de Cirino, note-se, tem certo sentido correlato com o espírito “liberal” e de mobilidade que preside as atividades profissionais e a posição social do personagem. No entanto, enquanto estas são apresentadas com certo ar pachola e de zombaria, como se viu, o sentimento e as ações românticas vão oscilar do mais desbragado melodrama folhetinesco, com a superafetação e a hipertrofia do sentimentalismo romântico, a certo estilo sério que toma as cores, ao final, de uma pequena tragédia sertaneja. Portanto, a exacerbação da tensão do núcleo conflitivo, centrado nos obstáculos para a realização do ideal do par romântico, traz consigo a emergência de muitos dos clichês temáticos e estilísticos da convenção literária romântica do qual, inclusive, o próprio individualismo não deixa de ser uma das suas facetas. De outra parte, como bem se sabe, desencontros amorosos decorrentes do desacerto entre desejo individual dos amantes e alguma instância ordenadora do mundo social são quase tão mais velhos quanto a própria literatura. Não é para menos que nas várias citações que abrem cada um dos capítulos, naqueles referentes a Cirino e Inocência, as epígrafes que os emolduram se reportam a histórias ligadas à tradição do amor romântico interdito. As citações dos textos de Shakespeare, B. de Saint-Pierre, entre outros autores, buscam inserir a trama amorosa de *Inocência* no leito caudaloso desta tradição, na intenção de mostrar no particular (no sertão brasileiro) a

possibilidade da manifestação do que se podia considerar o universal (o amor romântico e suas potenciais desventuras).

É esta última que o sentimento e as ações de Cirino vão representar. O impulso primeiro do Protagonista para contornar o obstáculo patriarcal é sugerir que fujam para chegar a Uberaba onde possam encontrar um padre para casá-los.<sup>17</sup> O impulso transgressor do rapaz com finalidades virtuosas (ou moralizantes, se se quiser) em nome do amor é rejeitado pela moça, que em sua expressão titubeante não vacila em dizer o que essa atitude pode representar para ela:

E meu pai Cirino? Que *havéra* de ser?... Atirava-me a maldição... eu ficava perdida... uma mulher de má vida... sem a benção de seu pai... Não... mecê está me tentando... Não quero fugir... Antes a desgraça para toda a existência... mas que fique eu dizendo o que meu nome diz que sou... já muito peço, fazendo o que faço... Mecê é homem da cidade; não lhe custa enganar uma criatura como eu... Até...<sup>18</sup>

Comprometida que está com a ordem patriarcal, para Inocência não ter a aprovação paterna para a união pretendida é cair “em má vida”. O simples fato de estar se expondo a Cirino, contrariando às ocultas os desejos paternos, já é sentido por Inocência como “pecado”. Nesse momento, Cirino é visto pela personagem como o de *fora*, o “moço da cidade”, cujo tipo de experiência e cujos sentimentos podem pôr a perdê-la. Na perspectiva de Inocência, a sua condição de mulher, e mais especificamente de mulher do mundo rural, investe-lhe de inconsciência de certas coisas da vida – ou por outra, por certo estado de “natureza”, de pureza. No entanto, Cirino não a irá macular, nem se aproveitar da sua condição de “moço da cidade”, tanto que, à primeira objeção de Inocência quanto à fuga, ele retrocede. De qualquer maneira, o amor romântico de Cirino vai transformar a personagem. Pode-se

---

<sup>17</sup> TAUNAY, Visconde de, op. cit., p. 97.

<sup>18</sup> Idem, ibidem, p. 97-98.

dizer que Inocência é a única personagem que se modifica no romance, e a sua transformação se deve à aspiração a querer definir o destino de sua vida tendo como baliza o seu amor romântico por Cirino. Sopro de liberdade individual, revelação de si mesma, autoconsciência dos seus sentimentos – tudo isso o amor romântico significará e fará com Inocência, no momento em que o “moço da cidade” lhe “inocula” o sentimento amoroso. Parte significativa da sua mudança se manifesta na segunda entrevista com Cirino das três que o casal tem. No momento inicial de sua longa e rara fala articulada, ela diz:

Escute, Cirino, observou ela, nestes dias tenho aprendido muitas coisas. Andava neste mundo e dele não conhecia maldade alguma... A paixão que tenho por mecê foi uma luz que faiscou cá dentro de mim. Agora começo a enxergar melhor... Ninguém me disse nada; mas parece que a minha alma acordou para me avisar do que é bom e do que é mau... Sei que devo *de* ter medo de mecê, porque pode botar-me a perder... Não formo juízo como; mas a minha honra e a de toda a minha família estão nas suas mãos.<sup>19</sup>

Note-se que o amor romântico é luz, epifania e, por assim dizer, esclarecimento de si para si. Ele como que carrega o aspecto moderno de apresentar o indivíduo à sua própria consciência, à sua própria individualidade. Mas o fim da cegueira de si mesmo traz a sua contraface, que é a revelação da maldade já que o mundo perdeu a sua ingenuidade. Para a “maldade” não vingar, Inocência percebe apenas uma única saída: a necessidade, a princípio, de compromisso com os desígnios patriarcais.<sup>20</sup> Uma

---

<sup>19</sup> Idem, *ibidem*, p. 87.

<sup>20</sup> A tentativa de compromisso entre a figura feminina que muitas vezes incorpora algum grau de posição avançada e a ordem patriarcal parece ser recorrente na literatura brasileira, e não somente no romance rural, mas principalmente nele. Além de Inocência, ela está presente de modos diferentes em *Dom casmurro* (1899), *Dona Guidinha do Poço* (1892), *A carne* (1888), e *São Bernardo* (1934). Compromisso este sempre falhado para o ponto de vista feminino. Talvez uma das primeiras personagens a se dar conta do enrosco

espécie de aliança entre o individualismo moderno do amor romântico que Cirino trouxe e catalisa, e que o casal passa a representar, e a ordem patriarcal, para que esta chancela a sua individualidade... Somente deste modo Inocência imagina preservar a sua dignidade.

Todavia, “ferro quebra, ela não” – assim é a “palavra de mineiro”, assim Inocência diz ser a palavra de Pereira empenhada a Manecão.<sup>21</sup> Para tentar driblá-la, o casal percebe como única e última saída a intervenção do padrinho da moça, Antônio Cesário, que na realidade não chega a acontecer. O retorno de Manecão precipita os fatos no mesmo instante em que Cirino sai em breve viagem para encontrar Antonio Cesário na intenção de convencê-lo a intervir a favor do casal junto ao pai da moça. Nessa altura da história, quase ao seu final, ali pelo capítulo XXVII, intitulado “Cenas íntimas”, será a primeira vez no romance (exceto seu capítulo inicial) que Cirino não surge em cena. A partir de agora as situações narrativas que envolvem os dois amantes correm em linha paralela para não mais se encontrarem. Neste capítulo e no XXIX, “Resistência de corça”, se tem o segundo e o mais radical momento dos efeitos do amor romântico em Inocência. Em decorrência dos novos sentimentos, ela enfrenta o desejo paterno. Num primeiro momento, se havendo apenas com o pai para quem inventa ter tido um sonho no qual a presença da mãe anuncia que seu casamento com Manecão seria uma tragédia. Não suportando a sua própria farsa, as consequências para Inocência se anunciam imediata e brutalmente por Pereira:

-*Nocência*, daqui a bocadinho Manecão chega da roça... Você há de ir para a sala... se não fizer boa cara, eu a mato.

---

que significa esta aliança seja Conceição, de *O quinze* (1930), que prefere escapar de um possível casamento com o seu primo-fazendeiro Vicente, ainda que ao preço de um sentimento de esterilidade e de solidão, que a adoção do afilhado não consegue ocultar.

<sup>21</sup> Idem, *ibidem*, p. 98.



E erguendo a voz:

- Ouviu? Eu a mato!... Quero antes vê-la morta, estendida, do que... a casa de um mineiro desonrada...<sup>22</sup>

Em face da feroz ameaça paterna, a resistência da moça se converte na aceitação da morte como um destino preferível ao não poder cumprir seu ideal amoroso. Num segundo instante, Inocência tem de se defrontar não só com seu pai, mas também com Manecão. A cena vai num crescendo de negações por parte de Inocência, até ela voltar a afirmar, agora não para si, mas para os dois, dirigindo-se diretamente ao capataz compromissado: “– Eu?... Casar com o senhor! Antes uma boa morte!... Não quero... não quero... Nunca... Nunca...” O ato contínuo do pai é o de jogar a filha violentamente contra a parede e de “precipitar-se sobre ela como para esmagá-la debaixo dos pés”<sup>23</sup> – gesto este que Pereira consegue refrear. De qualquer maneira, a atitude de rebeldia de Inocência tem sentença definitiva para Pereira: “(...) Manecão, *Nocência* para nós está perdida”<sup>24</sup>.

O clichê romântico a-morte-em-nome-do-amor se reveste aqui de certo conteúdo particular, pois, como se percebe, pressupõe, no caso de Inocência, a modificação da consciência da personagem em direção à ideologia do amor romântico no interior da qual se infla certa ilusão de individualismo, que é da convenção romântica, mas que é também o embate simbólico e ideológico que organiza em parte a estrutura narrativa do romance. Assim, e ao mesmo tempo, a consciência transformada da personagem corresponde a gestos de questionamento e também de rompimento do mando paterno. Isso sinaliza qualquer impossibilidade de compromisso e conciliação entre a ideologia do amor romântico, como índice de certo grau de modernidade, representado pelo casal, e a ordem patriarcal da qual Pereira é o chefe-mor.

---

<sup>22</sup> Idem, *ibidem*, p. 112.

<sup>23</sup> Idem, *ibidem*, p. 119.

<sup>24</sup> Idem, *ibidem*, p. 120.

Retomemos o principal da nossa formulação, acrescentando-lhe agora o nervo conflitivo da trama. Cirino é homem livre pobre cuja origem e profissão lhe dão mobilidade social e geográfica e também maleabilidade ideológica. Seu trânsito entre o universo da cidade e do campo faz com que nosso herói use de certas estratégias de convivência e de sobrevivência, no universo rural, que nos remetem a certos aspectos da malandragem, embora não tome a *forma* desta. E ele tende a se afastar destes aspectos na medida em que se aproxima da tensão conflitiva da intriga. Ainda que continue a se utilizar de certos ardis e artimanhas até o último momento, como o engano de Pereira em relação ao verdadeiro “usurpador” dos sentimentos amorosos de Inocência, mais do que se afastar dos aspectos arditos, é o tom da prosa que se modifica, tornando-se, por assim dizer, mais sério, algo mais elevado quando o amor romântico passa definitivamente a ser o núcleo dramático decisivo da narrativa. O envolvimento amoroso de Cirino com Inocência faz com que, a princípio, em seu ímpeto afetivo e quem sabe com seu conhecimento do mundo patriarcal, ele queira fugir de vez com Inocência. Mas, como já se notou acima, uma última estratégia é posta em andamento, a pedido de Inocência. Entretanto, a ordem patriarcal não aceita negociação. Rejeitada a filha e revelado o engano de Pereira pelo anão Tico, o patriarca quer a todo o custo ver a sua “honra lavada”. Não há meio termo possível:

- Meu Deus, exclamou com dor, em que mundo vivemos nós? Um homem entra na minha casa, come do que eu como, dorme debaixo do meu teto, bebe da água que carrego da fonte, esse homem chega aqui e, de uma morada de paz e honra, faz um lugar de desordem e vergonha! Não. Mil raios me partam!... não quero mais saber que esse miserável respire o ar que respiro. Não! Mil vezes, não! E desde já enxoto a canalhada que trouxe, gente do inferno como ele!... Hei de cuspir-lhes na cara... Pinchá-los fora como cães que são!... Ladrões!<sup>25</sup>

---

<sup>25</sup> Idem, *ibidem*, p. 122.

A ira de Pereira se estende indiscriminadamente por todos, até pelos trabalhadores de Cirino que ainda se encontram em sua propriedade; mas será Manecão, o noivo da moça, o encarregado de restituir a honra à casa patriarcal. Honra que somente poderá ser reinstalada com a violência, com a morte de Cirino, que é liquidado com um tiro à queima-roupa por Manecão.<sup>26</sup> Assim, o salto maior, e único, que o homem livre pobre tenta dar impulsionado pela ideologia do amor romântico e pelo individualismo nesta contido esbarra na ordem patriarcal e na brutalidade com que lida com aquilo que escapa ao seu sistema de valor. Entretanto, e muito curiosamente (e ironicamente também?), o romance não se encerra em tom brutalista; ao contrário, na sua última parte se tem um deslocamento espaço-temporal das ações para uma cidade da Alemanha onde Meyer é efusivamente homenageado pela Sociedade Geral Entomológica em razão das suas descobertas e investigações feitas em nome da ciência. Verdadeiro anticlímax que repõe no centro da história a comédia de erros tantas vezes encenada, só que agora deixando à deriva a pequena tragédia sertaneja – a qual se encerra com uma pequena nota dando notícias da morte de Inocência.

Recebido em março de 2011.

Aprovado em abril de 2011.

---

<sup>26</sup> Uma observação importante aqui: um dos aspectos fundamentais que torna o desenrolar do núcleo conflitivo do romance muito bem elaborado do ponto de vista da sua composição, muito enxuto em relação às situações narrativas, é uma espécie de posição neutral do narrador com relação à natureza do conflito e à natureza dos personagens em face dele. Manecão e Pereira, por exemplo, não são estigmatizados pela perspectiva do narrador em razão do que sentem e da atitude que irão tomar devido à “traição” de Cirino, por mais que este mesmo narrador indice a sua visão esclarecida e ilustrada ao longo de toda a narrativa. Neste sentido, é interessante observar que as consequências com que Manecão sente o seu gesto de morte está muito distante da frieza de um jagunço: “Sentia o capataz escorrer-lhe o suor dentre os cabelos. Queria fugir e não podia. Parecia que os seus olhos tinham que acompanhar passo a passo a agonia de sua vítima. Aquela cena, se lhe afigurava um pesadelo, e completo torpor lhe tolhia os membros”. In idem, *ibidem*, p. 125.